

25/11/2015 - 05:00

## O vale renascerá

Por **Jorio Dauster**

O rompimento da barragem da Samarco em Mariana abalou compreensivelmente o país pelo drama das famílias atingidas e pela colossal extensão dos danos ambientais causados na região e na bacia do rio Doce. Mas também chocou fortemente aqueles que labutam no setor da mineração e, conscientes dos imensos riscos envolvidos na atividade, confiavam em que a empresa, seguindo as normas de suas controladoras - a Vale e a BHP -, adotasse as melhores práticas no campo da prevenção de acidentes. Todavia, mesmo levando em conta o impacto natural que a tragédia causa na opinião pública, é importante que se evite a demonização simplória do setor porque o Brasil tem um extraordinário potencial mineral ainda a ser explorado.

O que se exige, de início, é uma investigação séria e imparcial das causas do desastre. Nesse sentido, como o povo brasileiro (com boas razões) está cético com relação a tudo que lhe é dito por pessoas supostamente donas do poder, julgo recomendável que, aos competentes técnicos brasileiros que estudarão o motivo do rompimento se juntem as maiores autoridades mundiais na área de represas, pois só desse modo teremos um laudo inquestionável.

Saberemos, então, se houve causas físicas insuspeitadas - aquilo que, nos contratos em inglês, se chama de "acts of God" -, as quais serviriam de subsídio para o reforço das centenas de barragens existentes e de estímulo ao uso de outras técnicas de tratamento dos rejeitos. Por exemplo, haveria que determinar se os pequenos abalos sísmicos registrados pouco antes do rompimento, somados a outros ao longo dos anos, não teriam enfraquecido a estrutura de um modo que as inspeções temporárias não foram capazes de detectar. Outras possibilidades - como a da liquefação dos depósitos - também precisarão ser examinadas com o emprego dos equipamentos mais sofisticados.

### ***Vale, admitindo sua responsabilidade solidária, deveria liderar o trabalho de recuperação ambiental***

Por outro lado, cumpre verificar se o aumento recente da produção não levou a empresa a desafiar os limites técnicos antes estabelecidos, ou se os próprios trabalhos de elevação do nível da represa não comprometeram a estrutura. Caso se verifique a ocorrência de incúria ou de erros humanos na operação da barragem, os responsáveis deverão ser punidos na forma da lei.

Não obstante, independentemente da questão de dolo pessoal ou corporativo, a Samarco e suas controladoras são, sem a menor dúvida, responsáveis pelos danos e terão de arcar com o ônus de saná-los. A prioridade básica consiste em recompor a vida das pessoas diretamente afetadas pelo mar de lama e compensar aqueles milhares de ribeirinhos que sofrem com a paralisação de suas atividades. Ademais, como aquela região de Minas Gerais depende em larga medida das atividades minerárias, haverá que estudar quando e como tais atividades podem ser retomadas sem risco para as populações vizinhas.

Mas a maior tarefa será a recuperação ambiental de um desastre cujas reais proporções nem ao menos podem ser precisadas no momento. Para isso, será necessário contar, durante longo tempo, com uma estreita cooperação entre diversos órgãos públicos e entidades privadas - mas cumpre admitir que não temos, no Brasil, um retrospecto

tranquilizador nessa área, pois interesses menores costumam contaminar esforços de coordenação do tipo que ora se impõe.

Diante dessa realidade, recomendo que a Vale, admitindo a responsabilidade solidária que é sua e também da BHP, assuma a liderança desse processo. Sua capacidade técnica e gerencial, reconhecida internacionalmente, daria foco e credibilidade ao imenso esforço que se estenderá por muitos anos e exigirá uma abordagem multidisciplinar. Os cuidados ecológicos que cercam a exploração das imensas jazidas de Carajás servem de exemplo do que a Vale é capaz de fazer ao lidar com problemas de dimensões hercúleas.



Na realidade, é suficiente que a empresa lance um olhar sobre seu passado, quando era conhecida como Companhia Vale do Rio Doce, para que agora "adote" essa grande bacia hídrica ameaçada de morte. Com a imprescindível participação de representantes do governo federal e dos governos de Minas Gerais e do Espírito Santo, caberia então à Vale administrar o fundo que deverá ser criado essencialmente com aportes das próprias empresas envolvidas (bem como de outras fontes que desejem participar desse esforço de salvação regional) e

coordenar as múltiplas ações a serem executadas.

E, ocupando posição de destaque nesse esquema, seria de todo aconselhável contar com a presença, também reconhecida internacionalmente, de Sebastião Salgado, cujo belo projeto de recuperação das nascentes do Rio Doce faria parte do plano maior de salvamento ecológico de toda a bacia. Representantes das comunidades locais contribuiriam com sua experiência da área e sua liderança na execução das medidas adotadas.

Com determinação, capacidade administrativa e recursos financeiros suficientes, estou certo de que o Brasil, com a esperada contribuição da Vale, mostrará ao mundo que soube superar uma catástrofe ambiental sem precedentes. E o vale renascerá, mais verde e doce do que nunca.

**Jorio Dauster é embaixador e consultor de empresas. Foi presidente da Vale de 1999 a 2001.**